



GT 22. Cartografia Social, Megaempreendimentos, Conflitos Sociais e Povos e Comunidades Tradicionais

Coordenador(es):

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA - Universidade do Estado do Amazonas)

Patrícia Maria Portela Nunes (UEMA - Universidade Estadual do Maranhão)

O objetivo do G.T consiste em analisar a relação entre a implantação de megaprojetos de mineração, infraestrutura e logística e seus efeitos socioambientais a partir do mapeamento das estratégias globalizadas de desenvolvimento executadas na Amazônia e no Cerrado, com base na representação dos próprios povos e comunidades atingidos. Um elemento comum dos projetos que investem na mineração refere-se à concentração fundiária sob o domínio de grupos de interesse vinculados aos agronegócios e à extração mineral e de gás e petróleo. Os efeitos mais pertinentes concernem ao modo como o aquecimento do mercado de terras e a respectiva tendência ascensional dos atos de compra e venda, juntamente com o aumento da grilagem, tem inviabilizado a reprodução física e cultural destes povos e comunidades, desestruturando radicalmente a vida social e as modalidades de uso comum dos recursos básicos. Em termos jurídicos tem-se a usurpação das terras tradicionalmente ocupadas e por extensão das chamadas “terras comunitárias”. Tal fato pode ser observado tanto na Amazônia, quanto no Cerrado e em outras regiões do País, com a destinação de grandes extensões de terras para a monocultura (soja, algodão, eucalipto, cana-de-açúcar), pecuária extensiva, extração mineral e obras de infraestrutura ou de escoamento da produção (rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, oleodutos, gasodutos, hidrelétricas e parques eólicos).

Histórias de terror de liberdade: estratégias de enfrentamento do ?desenvolvimento? por comunidades quilombolas em Barcarena

Autoria: Adriana de Oliveira Silva (Autônoma)

Nas últimas décadas, Barcarena tornou-se um importante polo logístico-industrial. Além das mineradoras multinacionais, como a Hydro e a Imerys, a ilha paraense passou a abrigar portos de escoamento de grãos da multinacional Bunge e da Hidrovias do Brasil. Dados do IBGE mostram que a produção foi recorde em 2015: 5,5 bilhões reais ou 4,7 mil reais por habitante. Como demonstram vários estudos, no entanto, esse ?desenvolvimento? ? posto em prática tanto pelo estado quanto por empresas ? tem expulsado as populações locais de seu território e modos de vida tradicionais. Os deslocamentos forçados em Barcarena são decorrentes de transformações ocorridas desde a chegada dos colonizadores e as plantações de cana-de-açúcar e cacau, até a implantação do atual complexo portuário-industrial, iniciado com a instalação da Albras-Alunorte, no programa Grande Carajás, nos anos 1970. Esta comunicação visa refletir sobre as estratégias de que duas Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) ? Cupuaçu e São Sebastião do Burajuba ? comunidades ?remanescentes? tanto de quilombos (potência) quanto de megaempreendimentos (vulnerabilidade) têm se valido para questionar a naturalização do ?progresso? durante um processo de licenciamento ambiental. Entre as principais estratégias utilizadas pelos quilombolas destaca-se a narração de sua biografia, grosso modo, organizada em três momentos: 1) a vida antes dos empreendimentos; 2) a expulsão de seus territórios tradicionais pela Codebar ? Companhia de Desenvolvimento de Barcarena; 3) o retorno aos territórios tradicionais por decisão do Ministério Público. Essas narrativas chamam a atenção por serem, ao mesmo tempo, histórias de horror e de liberdade. De um lado, a rememoração comovente de pessoas que decidiram, no caso mais extremo, enforcar-se diante da expulsão compulsória; de outro, a rememoração angustiada das pessoas que persistem e enfrentam uma



paisagem poluída e devastada, considerada a grande razão de viver (e morrer). São com essas histórias que as comunidades têm construído argumentos para se manterem onde estão, ensinando como suas técnicas para pescar de tucunaré, extrair o açaí, plantar hortaliças, trançar a palha do buriti e do inajá, parir, cozinhar e curar são também técnicas de lembrar o passado quanto de criar novas relações com seus territórios no contexto atual. A reflexão compartilhada sobre essas histórias de horror e liberdade foram decorrentes de minha atuação como antropóloga coordenadora de um Estudo de Componente Quilombola (ECQ) e de um Programa Básico Ambiental Quilombola (PBAQ), que ocasionaram o convite para a escrita de livros sobre as CRQs de Barcarena.



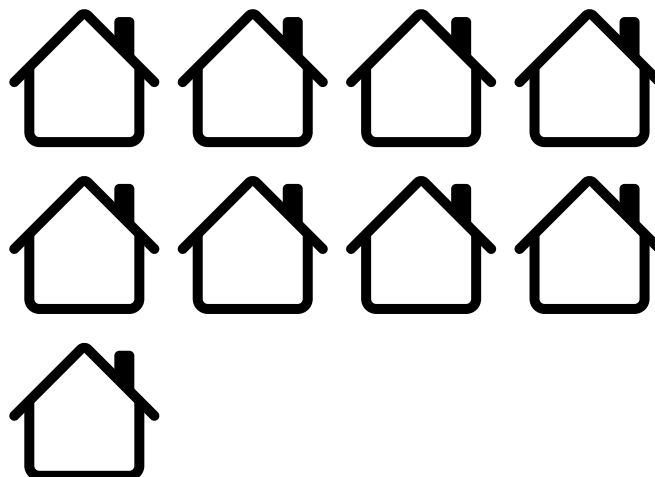
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: